

Se a floresta morrer, iremos todos com ela

Após receber um prêmio na Grécia pela defesa da Amazônia, o líder indígena explica o caso Sting-Raoni e condena o modelo agrícola dos brancos

EUGÊNIO ARAÚJO

Quando Ailton Krenak fala do povo indígena, os olhos miúdos e as palavras rápidas, bem encadeadas, são flechas certeiras na defesa do “imenso território roubado desde a colonização do Brasil”. Ele desfia o nome das nações, dos seus irmãos ianomamis, caiapós, xavantes, xingus ou botocudos... onde estão suas raízes, com inevitável sabor amargo.

Sua luta pela preservação da comunidade indígena brasileira — reduzida a 300 mil pessoas — e denúncias da ação de mineradoras e madeireiras na Amazônia o credenciaram a receber um prêmio na Grécia, conferido pela Fundação Onassis. Na volta, ainda parou em Londres, a convite do príncipe Charles, que desejava ouvir de perto a mensagem de um dos principais líderes tribais do mundo. Muitos comparam seu discurso ao do cacique Seattle, dos Estados Unidos, cuja carta-resposta ao presidente Franklyn Pearce — que queria comprar terras indígenas —, em 1855, foi uma bofetada poética transformada num manifesto ecológico.

“Não aceito mais prêmios como o da Grécia em meu nome, pois de nada adianta explicar aos incautos que os 100 mil dólares apenas amenizaram o custo dos projetos da União das Nações Indígenas (UNI) de um milhão de dólares”, dispara Krenak, ao receber o GUIA RURAL no escritório paulista da entidade, montado na Casa do Indigenista, numa área arborizada e tranqüila, “tratada à pajelança, para afugentar os maus espíritos”.

Krenak nasceu em 1953, num povoado

rural do vale do Rio Doce, MG. Plantava milho, feijão e arroz com os pais e os irmãos, e a devastação, a fome e a miséria o empurraram para a capital paulista, na década de 60. Fez de tudo para sobreviver: vendeu frutas, carregou sacos nas costas, cuidou de roçados e aprendeu a ler e a escrever em cursos supletivos. Depois, autodidata, devorou os clássicos de Machado de Assis e Graciliano Ramos, leu tudo sobre o povo índio e viajou o país inteiro, junto às comunidades indígenas.

O aprendizado do mundo dos brancos o levou a assumir a defesa dos índios: fundou a UNI, com escritórios em Manaus, Boa Vista, Aracaju e Rio Branco; ajudou Chico Mendes a agrupar índios e seringueiros em torno do movimento Povos da Floresta e ganhou inevitável projeção internacional, a ponto de influir nas decisões do Banco Mundial em projetos brasileiros.

Entre as viagens para as tribos distantes do Centro-Oeste, da Amazônia ou mesmo para o exterior, Krenak ainda arrumava tempo para cuidar do *Programa de Índio*, divulgado em diversas emissoras de rádio da América Latina, e da família: casado, tem duas filhas que reclamam da ausência do pai a cada jornada, mas que já entendem a luta em defesa dos seus irmãos índios.

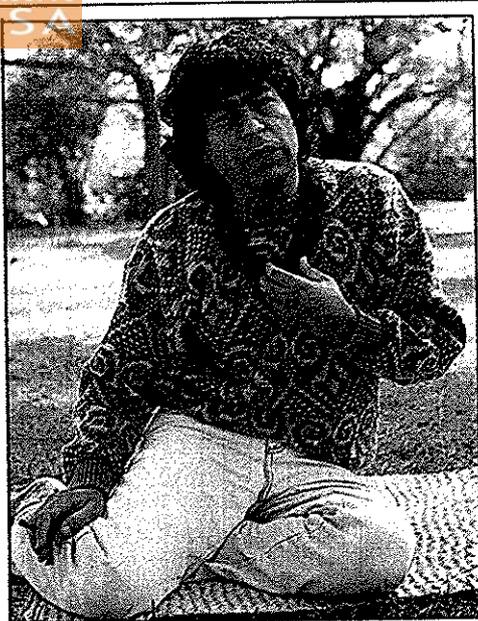
GUIA RURAL — Aos 37 anos e com o reconhecimento internacional da sua luta pelos índios, você ainda pensa em levar a vida na floresta, com mulher e filhos?

AILTON KRENAK — Essa pergunta me

faz lembrar a observação de um jornalista que acompanha bem a causa indígena. Ele me disse: “Ailton, você não acha que já deixou de ser povo da floresta, deixou de ser índio?... Já sabe tudo o que os brancos sabem, come tudo o que os brancos comem, vive na cidade, conhece dinheiro, administra a burocracia da União das Nações Indígenas. Com tudo isso, você acha que ainda consegue voltar para o mato?” Eu falei que, justamente, voltaria pro mato se ele existisse. Quer dizer: eu vou ficar brigando na cidade pra que o mato exista. Se alguém pensar que eu posso ir pro mato, armar minha rede, ficar tomando sol, bebendo licor de buriti, de açai e comendo mel, castanha, beiju e olhando a maravilha do céu, está muito enganado. Sim, porque no segundo dia o empregado de uma madeireira vai pegar uma motosserra e cortar a árvore onde está amarrada minha rede.

GR — A solução continua sendo a criação de reservas indígenas demarcadas com orientação dos próprios indígenas, como foi proposto no último Encontro dos Povos da Floresta, na Amazônia? É também a solução para os ianomamis, em Roraima, que hoje morrem de coqueluche e de malária?

KRENAK — Pois é: os ianomamis vão voltar pra onde? Pro mato? Se procurarem refúgio, voltarão pra dentro de uma draga que está chupando a terra deles. Se os índios do Xingu não gritarem, não botarem a boca no trombone, eles não vão ter mato pra ficar. E não adianta



JULIO BERNARDES

“A alta cúpula da Funai e seus cinco mil funcionários, que nada fazem, dispararam injúrias contra Raoni, uma pessoa nobre. Depois apresentaram o cacique Tutu Pombo como sucessor de Raoni. Foi uma farsa”

gritar no meio do mato. É uma ironia, mas o lugar onde a gente é obrigado a gritar é em Brasília, na praça dos Três Poderes, como o povo brasileiro tem visto na TV. Na frente do Palácio do Planalto, sapateando em cima do cimento, rodando borduna e cantando enfeitado. Tudo isso pra quê? Pro mato continuar vivo. Por isso os líderes indígenas são obrigados a deixar a floresta.

GR — Por falar em liderança: o que há de verdade no caso Raoni? Ele não é mais cacique caiapó? E o cantor inglês Sting, ao viajar para a Amazônia e levar Raoni pela Europa, ajudou ou prejudicou a causa indígena? Segundo denúncias, os índios não viram nada dos 1,5 milhão de dólares arrecadados por Sting e Raoni.

KRENAK — Eis uma boa oportunidade para esclarecer essa história maldosa. É óbvio que o Sting veio ao Brasil para ajudar os índios e, por isso, tornou-se muito amigo de Raoni. Os caiapós, a nação de Raoni, têm muitas aldeias e, assim, muitos comandantes regionais. Raoni é o mais importante deles porque ganhou expressão nacional, por ser um homem de sabedoria e também por conviver no parque Nacional do Xingu, com dezoito tribos. Quando ele voltou da Europa com Sting teve uma infecção no joelho e não foi direto para a aldeia.

GR — Aí começaram os problemas...

KRENAK — Pois é: a Funai aproveitou pra fazer uma campanha difamatória e espalhou-se até o boato do desvio de 1

milhão de dólares. Ora, o que ficou acertado é que o dinheiro da campanha seria usado na demarcação de reservas, e não para distribuição direta aos índios. Essa mancha sobre Sting e Raoni é lamentável. O que preocupou muita gente é que Raoni, com endosso de José Lutzemberger, secretário especial do Meio Ambiente, pediu a extinção da Funai por ser um órgão corrupto, que só causa sofrimento ao povo indígena e representa um desperdício público. Os 5 mil funcionários que nada fazem e a alta cúpula da Funai dispararam injúrias contra Raoni. A ponto de apanhar um outro chefe caiapó, o Tutu Pombo, e apresentá-lo aos jornais e TV como o sucessor eleito de Raoni. Isso foi uma farsa. Na tradição indígena não existe eleição e, os indígenas sabem bem, uma pessoa nobre como Raoni não pode ser alvo de piadas. Por isso, ele se recolheu à aldeia e evita tocar no assunto.

GR — Problemas da liderança indígena à parte, qual é a realidade numérica dos índios?

KRENAK — Vamos tomar como base os ianomamis, ainda considerados uma das tribos mais numerosas do país. São 20 mil pessoas, ocupando uma área entre a Venezuela e o Brasil; do lado brasileiro são apenas 9 a 10 mil ianomamis. Às margens do rio Solimões, vivem os sucunas, que somam também 20 mil. Existem ainda de vinte a trinta nações indígenas com não mais de 2 mil pessoas cada uma; e mais de cem nações, com população abaixo de mil indivíduos. E o

número total chegou a 6 milhões, antes da colonização. Hoje somos 300 mil e ainda se faz uma análise cínica do tipo: “Se são tão poucos, por que precisam de tantas terras?” Essa hipocrisia não leva em conta que nosso modelo de ocupação preserva a floresta e não supõe a exaustão dos recursos naturais.

GR — E como funciona o modelo de ocupação indígena?

KRENAK — Em primeiro lugar, parte-se do princípio de que a Terra não é para duas décadas, mas para séculos. Foi assim que os índios, milhões deles, viveram tanto tempo no Brasil sem deixar marcas vergonhas na natureza. E nos quinhentos anos de ocupação branca, esse país, parte dele, ficou podre. Os rios que cortam a cidade de São Paulo viraram esgotos a céu aberto; a cidade de Cubatão é um grande câncer nessa Terra que é nossa mãe; o litoral desse país é destruído; a floresta que havia em toda a faixa litorânea foi arrasada, transformada em lenha. A própria formação geológica desse território foi atingida pelos homens, que derrubaram montanhas, mexeram nas entranhas da Terra... Veja o que o projeto Polonoeste fez na Amazônia, com estradas cortando Rondônia e derrubando florestas. Estamos alertando o Banco Mundial para o problema, pois eles pretendem jogar mais 200 milhões de dólares na região.

GR — Por falar nisso, alguns críticos da questão ambiental alertam que a comunidade internacional tem duas faces: uma que financiou e financia projetos devastadores e outra que diz querer a preservação. Como a UNI entende este paradoxo?

KRENAK — Veja um exemplo: em 1986 viajamos, eu, o Chico Mendes e o José Lutzemberger para Washington, a fim de discutir o Polonoeste com técnicos do Banco Mundial. Na ocasião, o presidente do banco, Barber Conable, disse que a instituição financeira não pode interferir nas questões internas do Brasil. Nós dissemos para ele: “Mas vocês estão interferindo quando dão bilhões de dólares para o governo executar políticas delinquentes”. Ele disse: “O negócio do banco é emprestar dinheiro”. Eu disse: “O nosso negócio é vigiar o banco”. Ele arrematou: “A sociedade brasileira deve vigiar o seu próprio governo”. Nunca mais esqueci estas palavras. To-

dos gostam que a CEE ou o Banco Mundial vigiem o governo brasileiro. Mas por que os brasileiros não tomam vergonha na cara e não vigiam seu próprio governo? Até as prefeituras abrem estradas em áreas de reservas naturais e parte do povo esclarecido manda, no máximo, cartinhas para os jornais. Enquanto isso, índios e seringueiros fazem o empate, defendem com seu próprio corpo a ação da motosserra sobre a árvore. Essa é a diferença...

GR — Além de lutar por suas terras, os índios montaram um verdadeiro centro de pesquisa, que cuida também da agricultura em Goiás. Afinal, o que é a agricultura indígena? Ela poderia alimentar grandes populações?

KRENAK — Vale dizer que o nosso centro de pesquisa não tem nada a ver com o governo, e abrange as áreas do direito e da biologia. Envolve um trabalho com quatorze tribos, com a participação de 30 a 40 mil índios. Temos programas de reflorestamento e aumento da população de animais silvestres, além do aproveitamento de frutos como pequi, araticum, kin, baru, para a dieta alimentar doméstica e para colocar no mercado.

GR — Quais os produtos que poderiam ser vendidos e por bons preços?

KRENAK — Vários. Além dos que citei, temos o cajuzinho-do-mato, castanha-do-pará, cocos. Estamos desenvolvendo tecnologia adequada para seu processamento. Há interesse revelado até para exportação. Veja uma coisa: em supermercados ou sorveterias paulistas, não há sorvete de açaí. Talvez você encontre em Manaus ou Belém. Ou em Londres e Nova York. Quando São Paulo souber que este produto corre em Nova York, vai imitar o consumo e aí teremos um bom mercado interno à disposição.

GR — Mas já existe produção em escala que permita amplo comércio?

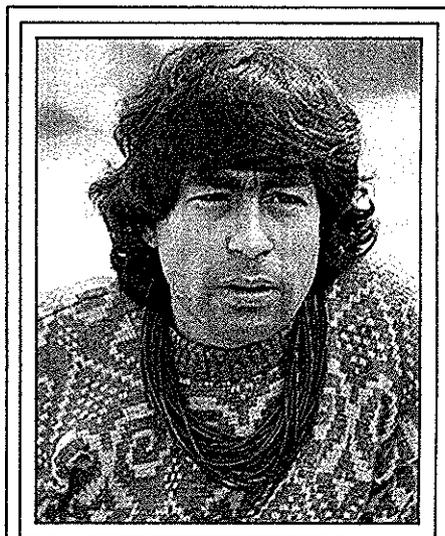
KRENAK — Os biólogos, engenheiros de alimentos, agrônomos, num total de vinte consultores, trabalham para orientar a produção e o mercado. Estuda-se a perecibilidade e o valor protéico de cada alimento cultivado pelos índios. No cerrado, aproveitamos o araticum, pequi e baru — que é um tipo de castanha com polpa de sabor achocolatado, além de ter como subproduto um óleo usado em produtos farmacêuticos. Temos ainda guariroba, buriti, várias palmas e muitos

vegetais que servem como produto de beleza, após o processamento.

GR — E as roças tradicionais?

KRENAK — Também estão nas pesquisas, com a recuperação das técnicas milenares no plantio de mandioca ou milho. Como sempre, respeitando o manejo da floresta.

GR — Que tribos já se beneficiam da pesquisa indígena?



JULIO BERNARDES

“A floresta é nossa comida, nossa vida. Já os brancos derrubam as árvores pra formar sua dieta. No mato está o supermercado do povo indígena e se matarmos a floresta morreremos todos”

KRENAK — No cerrado, no Mato Grosso, especialmente no território dos índios xavantes, perto da Serra do Roncador. Aliás, nosso trabalho nessa região está cercado pela monocultura da soja. E esperamos oferecer nossa tecnologia a quem não usa uma agricultura ideal para conviver com o cerrado. Os sojicultores sabem que a terra em que trabalham não durará muito tempo.

GR — O índio não mantém criações confinadas para alimentação?

KRENAK — Bem, temos criações de peixes nativos, numa área de três a quatro hectares. É difícil manter em cativeiro as espécies nativas, mas estamos tentando. Estão empenhados nesse projeto índios ianomami, ticuna, suruí, xavantes, krenak, terena.

GR — E a pecuária?

KRENAK — A experiência de criação de animais é muito pequena e restrita às espécies nativas. E isso é pouco usado entre os índios porque nenhum povo tradicional caça um animal manso. Se você cria uma anta na aldeia, ninguém tem coragem depois de comê-la. Então você não vai criar uma anta, vai caçar quando precisar de alimento. Por isso não existe entre nós a idéia de construir um rebanho e destruir a natureza. O rebanho do povo indígena está integrado à natureza. O índio precisa da floresta pra sua dieta. Com os brancos é o contrário: derrubam a floresta para formar sua comida. Só que em nosso sistema a floresta é para séculos de convivência. Quanto tempo dura uma fazenda, uma lavoura de soja? Muitos evitam pensar seriamente nisso. Para nós, indígenas, a floresta é nossa comida, nossa vida. Se matarmos o mato, morreremos todos. Para quem gosta de comparações, posso dizer que a floresta é o supermercado do povo indígena. O dia em que um colono e um agricultor entenderem que a floresta é seu armazém, a coisa vai mudar.

GR — O que será da comunidade indígena, afinal, daqui a dez anos?

KRENAK — Esse período é definitivo, não só para o povo indígena brasileiro como para a população nativa do mundo inteiro. Porque o planeta está vivendo uma emergência global. Prova disso é a preocupação dos países ricos com o rompimento da camada de ozônio da atmosfera e com o superaquecimento da Terra. E o povo índio tem muitas respostas para questões essenciais. Então, essa década é um limite pra nós: ou vamos desaparecer, como populações originárias do planeta, ou vamos ter oportunidade de falar e ser ouvidos. Tenho grande esperança de que seremos ouvidos. O momento exige de todos uma preocupação planetária e, se não pensasse assim, mesmo com o risco da motosserra, pegava minha esteira, minha rede e voltava pra aldeia. ■